

INTERCONECTIVIDADE: a voz dos indígenas apiaká no projeto artes plásticas em interface com o Programa Novos Talentos

Marli Aparecida dos Santos¹

Elizabeth Ângela dos Santos²

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira³

RESUMO

Este texto apresenta as vozes indígenas Apiaká, em produções artísticas construídas na interface da extensão e da pesquisa realizada na terra indígena Apiaká-Kayabi. Há uma interconectividade entre dois projetos de extensão, o Projeto Artes Plásticas no Campus com a Comunidade Pintando e Transformando Realidades Plásticas e o Programa Novos Talentos, assentado no grupo de pesquisa LEAL. A pesquisa tem apontado que há uma interconectividade entre os projetos porque as pessoas que deles participam são as mesmas. Pela produção da linguagem em tela tem-se um movimento de revitalização cultural. Há um evidenciamento da educação indígena protagonizando os projetos de extensão da Unemat dos quais fazem parte.

PALAVRAS-CHAVE: Educação indígena; Arte; Cultura.

ABSTRACT

This paper presents native Apiaká voices, in artistic productions built in the interface of the extension and research conducted on native land Apiaká-

1 Professora na Escola Estadual Nivaldo Fracarolli e bolsista do projeto Artes Plásticas.

2 Mestre em Educação, professora no Curso de Pedagogia do Campus de Juara.

3 Professora Doutora em Educação. Professora do Curso de Pedagogia do Campus de Juara e coordenadora do subprojeto Interculturalizando Talentos.

Kayabi. There is interconnectivity between the two extension projects, Visual Arts Project on Campus with the Community Painting and Transforming Plastic Realities and the New Talents Program based on the FAIR research group. The research points out that there is an interconnectivity between projects because people who participate in them are the same. Through the production of language in canvas, there is a movement towards cultural revitalization. There is an evidencing of native education starring Unemat projects of extension of which they are part.

KEYWORDS: Native education; Art; Culture.

Introdução

A pesquisa propôs investigar as formas de leituras realizadas pelos indígenas a partir da pintura das telas, dentro de um processo de interconectividade no processo da participação dos professores e equipe do projeto (não indígena) com os participantes indígenas no projeto. A palavra inter está relacionada com a complementaridade das trocas ocorridas entre a orientação técnica da pintura e a aprendizagem dos saberes indígenas e a conectividade na associação necessária da orientação e da aprendizagem que ocorreram de maneira concomitante.

Com a finalidade de desenvolver a pesquisa, recortamos o objetivo geral: analisar as telas produzidas e que retratam a paisagem ambiental juarense e os saberes étnicos do povo indígena Apiaká no projeto de artes plásticas sob a perspectiva da leitura.

E como objetivos específicos: relatar os sentimentos, os significados da produção de telas artísticas considerando os textos orais produzidos pelos indígenas participantes do projeto; acompanhar as produções de telas com discussões sobre a cultura, a paisagem ambiental e a construção de identidades étnicas e de moradores de Juara e registrar fotograficamente as telas.

Assim procuramos identificar as diferentes formas de leituras realizadas pelos indígenas a partir da pintura em telas e também identificar os enlaces existentes entre os dois projetos de extensão.

Utilizou-se da pesquisa qualitativa, de acordo com as orientações de Minayo (2012), e da pesquisa participante, procurando entender o que os indígenas Apiaká sentem e leem sobre suas próprias telas, ressignificando

o que é ler nas artes plásticas através dos relatos orais dos sujeitos da pesquisa. Sendo assim, os sujeitos são os/as indígenas da aldeia Mayrob, que se localiza à margem do rio dos Peixes, na terra indígena Apiaká-Kayabi, participantes do projeto de “Artes plásticas no *campus* com a comunidade: pintando e transformando realidades”, e do Programa Novos Talentos.

Este texto apresenta uma organização sob dois ângulos. O primeiro descreve a Unemat e o projeto Artes Plásticas no interior do Projeto Novos Talentos Interculturalizando Talentos: articulações entre linguagens, história étnico-cultural e educação ambiental nas escolas indígenas da terra indígena Apiaká-Kayabi”, e o segundo, algumas telas e interpretações já realizadas no processo da pesquisa.

Unemat/*Campus* de Juara: Projeto Artes Plásticas no *Campus* com a comunidade pintando e transformando realidades

O *campus* Universitário de Juara faz parte da Universidade do Estado de Mato Grosso (Fig. 1). O curso de Pedagogia do *Campus* de Juara foi criado em 16 de junho de 2003, pelo Colegiado Superior do *Campus* Universitário de Sinop, depois aprovado pelo Conepe (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade).

A Unemat tem atualmente 13 campi, entre eles, e um dos menores, com apenas dois cursos, se encontra o *Campus* Universitário de Juara, com os cursos de Administração e de Pedagogia.

Atualmente o *Campus* tem desenvolvido vários projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura. Entre eles o Projeto Artes Plásticas no *Campus* com a comunidade pintando e transformando realidades.

O projeto teve início no ano de 2011, e envolveu acadêmicos/as e pessoas da comunidade externa. Teve e tem como finalidade atender universitários, à comunidade e às três etnias indígenas da Terra Indígena Apiaká-Kayabi: o povo Munduruku, o povo Kayabi, e o povo Apiaká. Essas comunidades indígenas estão sendo atendidas paulatinamente, e a primeira a ser atendida foi o povo Apiaká, participante desta pesquisa.

O projeto consiste no estudo da história da arte, arte na educação e arte indígena dos povos Kayabi, Apiaká e Munduruku, com preparação teórica e técnica da equipe executora, construção e aplicação de técnicas que orientem as artes plásticas, com finalidades didático-pedagógicas e de construções interculturais. As produções artísticas e trocas de saberes na confecção da arte é o elemento da cultura que produz educação. O desenvolvimento deste projeto se dará com base em orientações teóricas e oficinas práticas. (PROJETO DE EXTENSÃO, 2011, p. 1).

Compreendemos que este projeto tem uma complementariedade com a pesquisa e com o ensino, pois, como extensão, congrega pessoas de diferentes lugares atendendo à comunidade, e, como pesquisa, há uma aprendizagem constante nas questões ambientais de Juara e nas questões étnicas desse município.

Fig. 1 – Foto aérea do Campus Universitário de Juara.



Fonte: Câmara Municipal, 2014.

Leitura em tela

O projeto Artes Plásticas em seu desenvolvimento trabalhou com um grupo de crianças e jovens indígenas Apiaká, e foi no percurso deste trabalho que os dados foram sendo coletados, à medida que íamos escrevendo os sentimentos e os significados das telas. Foram pintadas 18 telas, o número dos participantes do projeto.

As telas foram classificadas em 4 (quatro) grupos, sendo um grupo de pinturas sobre os artefatos indígenas, um grupo que retrata a natureza, outro sobre as atividades cotidianas e o último sobre pinturas corporais do povo Apiaká. Neste artigo estaremos construindo a interconectividade interpretativa, nossa e dos artistas plásticos indígenas do grupo que se refere à natureza.

Para que fossem organizadas as pinturas, realizou-se uma leitura interpretativa de todas as telas, para posterior classificação. Ler é uma ação individual, e ela é significada pelas interpretações que fazemos ao realizá-la. Nas leituras, percebemos a todo o momento que os artistas Apiaká, ao pintarem as telas, valorizam a sua cultura, os seus costumes e seu estilo de vida.

Percebe-se na leitura e no olhar que o grupo que retrata a natureza da terra indígena Apiaká-Kayabi sempre manifesta, no desenho, uma abundância de água. As telas dos indígenas Apiaká são diretamente ligadas à natureza, águas, peixes. As telas emanam a energia do Sol. Registram em tela que a água é algo fundamental nesta cultura étnica.

As telas indígenas produzidas no projeto Artes Plásticas revelam saberes da cultura Apiaká, e nas falas foi possível perceber que a todo momento há uma afirmação étnica e cultural desse povo. No momento em que foram fazendo as leituras de suas telas, observando-as e analisando-as, os olhos paravam e pairavam sobre as suas produções artísticas, contemplando-as em silêncio. Após o silêncio falavam, compassadamente, de maneira penetrante. Aprendi que, pelo silêncio, os artistas indígenas significavam e interpretavam as telas.

De acordo com Orlandi (2007), nessa interpretação observamos que o silêncio estava repleto de sentidos que posteriormente foram oralizados pelos artistas indígenas. Pois, como diz Orlandi, “O silêncio não fala. O silêncio é. Ele *significa*. Ou melhor: no silêncio, o sentido é”. (2007, p. 31). Assim, em meio a silêncios e as falas produzidas pelos artistas indígenas sobre suas

telas a partir de questionamentos como: que título ou nome daria a sua tela? Que significados estão presentes em sua pintura e o que sentiu ao fazê-la?

Com tais questionamentos pudemos coletar narrativas acerca dos significados das mesmas para os artistas indígenas.

Posteriormente agrupamos as telas conforme seus significados, os quais apresentamos algumas a seguir. As telas: A cultura (Fig. 2), A pescaria no Salto (Fig. 3), Artesanato Apiaká (Fig. 4), Flechal (Fig. 5).

Fig. 2 – A Cultura.



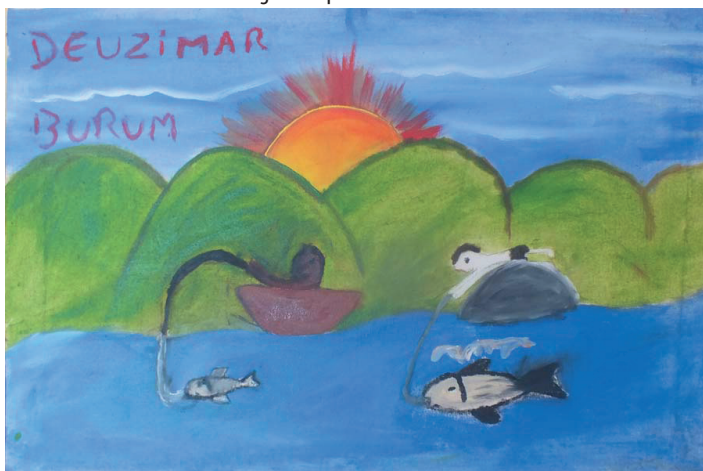
Autor: Franti Paleci.

A escolha em pintar desse jeito é porque tem três coisas que falam do povo Apiaká. O trabalho que fazemos com a castanha... Quebrar castanha. O jenipapo significa que nós tiramos o líquido dele para nos enfeitar... Representa os enfeites, uma das coisas da natureza que usamos. E dentro das cuias feitas de cabaça há a farinha, o polvilho e a massa da mandioca. Na canoa, fiz a pintura de homens e mulheres Apiaká. Ela está em vermelho, pensando no urucum, e o preto, no jenipapo [...]. (Franti Paleci, 2014).

A interpretação sobre a produção da tela intitulada “Cultura”, transmite conforme explicação do seu autor a ideia da natureza como lugar, como sendo a Mãe Terra de onde se retira o sustento, e representa a cultura do

seu povo. A cultura expressa na tela vai além da simples tradição. Ela é “[...] é um sistema de símbolos e significados. Compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modo de comportamento”. (LARAIA, 2001, p. 43).

Fig. 3 – A pescaria no Salto.



Autor: Franti Paleci.

Os homens estão pescando, e um deles pegou um peixe grande e “levou ele”[sic]. Um está pescando nas pedras, e o outro está pescando na canoa... é de manhã. Eu gosto de pescar [...]. (Deuzimar Burun, 2014).

Na interpretação deste autor é retratado o valor que a água tem para a comunidade; que pescar é um tipo de trabalho que está ligado diretamente com a natureza e com a sua cultura, que acaba sendo um trabalho prazeroso. A água representa para o povo Apiaká as melhores coisas, a pesca, a canoa, instrumento produzido por eles. A água faz parte da história da origem do povo Apiaká; a canoa é um instrumento que eles produzem. Assim, então, como diz Laraia (2001), a cultura é um processo cumulativo, resultante da experiência histórica das gerações anteriores, como fazer canoas e pescar.

Fig. 4 – Artesanato Apiaká.



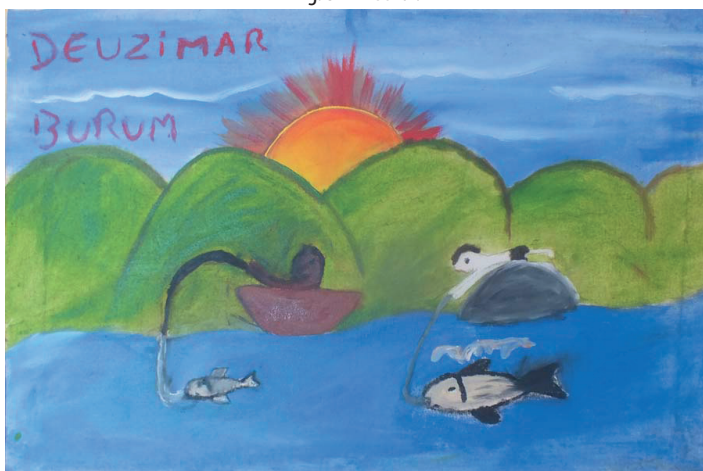
Autor: Geovanne Leite Morimã.

Este desenho faz parte da cultura Apiaká porque é do papagaio que são tiradas as penas para fazer cocares e empenar flechas. As mulheres as utilizam para fazer brincos. [...] uma planta que tem na mata chamada de banana de macaco, que dá uma frutinha vermelha que serve de alimento para os macacos. E as frutinhas vermelhas também servem para fazer brincos. (Geovanne Leite Morimã, 2014).

Este autor retrata, na sua obra de arte, a cultura do povo Apiaká, valorizando o artesanato, e, principalmente, a fauna e a flora. Retrata também a vida e a beleza da natureza. São relações estabelecidas entre o ser humano e a natureza numa perspectiva em que as aves, as plantas, são vistas como outros seres, e que servem para produzir os enfeites. Poderíamos perguntar: se utilizam esses seres vivos, onde está o instinto de conservação? É que é preciso alimentar-se, e das penas dos papagaios só são produzidos artesanatos com as penas daqueles que são criados, e, quando os matam, é por-

que farão parte da alimentação. Assim também as culturas são sistemas que servem para adaptar os humanos às diferentes formas de vida. Portanto, “na confecção de artesanatos, a matéria-prima é retirada da mata, tendo a grande preocupação em utilizar as matérias sem desperdícios, com o cuidado de não retirá-las de um único lugar. Assim fazemos um manejo e, além de tudo, tendo grande respeito à natureza”. (SOUZA; FERREIRA, 2014, p. 47).

Fig. 5 – Flechal.



Autor: Deuzimar Burum.

O desenho que fiz foi imaginando o salto [...]. Lá é o nosso flechal, é de lá que tiramos o material para fazer as flechas. Quando é noite no salto, escuta-se o barulho forte da cachoeira... [...] é um lugar aonde a maior parte das andorinhas vêm e passam o inverno. (Jósimo Morimã, 2014).

Nesta obra está representada a preservação dos rios e das matas de onde é tirado parte do sustento do seu povo, que é a pesca e a caça. Retrata também valor, respeito pela mãe natureza.

É visível nas telas produzidas a ligação entre ser humano e natureza, de forma tão intensa que, às vezes, não é possível olhar para os dois separadamente, passando a impressão de que tanto a pessoa como a natureza, para existirem, dependem uma da outra. E, ainda, que essa relação ser humano/pessoa e natureza ocorre de forma harmônica.

Considerações finais

Compreendemos que o trabalho com Artes Plásticas na terra indígena Apiaká-Kayabi evidenciou, nas vozes estudantes, um sentimento de apropriação cultural do espaço de convivência desse povo. As pinturas foram evidenciadas como um tipo de linguagem acompanhada com leituras e formalização de textos orais que falam das coisas profundas da cultura e dos sentimentos do povo Apiaká.

Nessas interpretações lemos a interface presente do projeto Artes Plásticas com o programa Novos Talentos, via projeto Interculturalizando na proposição das produções de diferentes linguagens que auxiliem na revitalização cultural e intercultural Apiaká. Aqui há uma interconectividade sentida pelo movimento que se faz no diálogo e nas ações entre os dois projetos de extensão porque as pessoas que deles participam são as mesmas, e, nesse contexto, dividem e compartilham construções do sentir, do pensar e do participar na coletividade.

Quando pintam expressam uma linguagem; quando olham e leem suas pinturas expressam outra forma de linguagem; e ao escrever sobre o que dizem e o que pintam interculturalizamos a linguagem que ao mesmo tempo é pesquisa e é também do povo Apiaká.

O projeto Artes Plásticas e o projeto Interculturalizando que estão em movimento na aldeia Mayrob, do povo Apiaká, têm estabelecido um lugar – utilizamos o termo da tecnologia para descrevê-lo – nas nuvens, porque existem, estão lá, dialogam e se interconectam de um jeito que parece abstrato, mas é a concretude pura.

As leituras feitas o são de várias formas e apresentam pela oralidade relatos da cultura do povo Apiaká. Umhas leituras foram feitas com os olhos, outras com o corpo todo, outras com o balbucio das palavras, mas todas acompanhadas das paradas de silêncio, todas com o contexto cultural de vivência. Ler significa, neste contexto, dizer da vida, do vivido, do que faz parte da cotidianidade.

Referências

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto da observação. Interação e descoberta. *In*: DESLANDES, Sueli Ferreira. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, Valdina Rodrigues; FERREIRA, Waldinéia, Antunes de Alcântara. Saberes tradicionais das mulheres indígenas Kaiaby – Juara-MT *In*: PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio, JESUS, Lori Hack. *Cadernos de Pesquisas Educacionais*, v. 3. Curitiba, PR: CRV, 2014.

ORLANDI, Eni Puccielli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. 14 . ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.